

Partido Verde
e a institucionalização do alternativo
Green Party and the institutionalization
of the alternative

Vitor Osório

Estudante de Ciências Sociais na PUC-SP. Bolsista FAPESP com a pesquisa de Iniciação Científica “Partido Verde: governamentalidade e dispositivo ambiental”, vinculada ao Projeto Temático FAPESP Ecopolítica, sob orientação do Prof. Dr. Edson Passetti. Contato: vitor.free@gmail.com.

A racionalidade neoliberal procura capturar a crítica radical no interior de fluxos inovadores. Foi assim que, da radicalidade do movimento ecológico situada por Joseph Beuys, ocorreu a sua mutação em *alternativa política*, cujos contornos precisos foram dados, primeiro, por Fernando Gabeira, com a fundação do Partido Verde, e recentemente Marina Silva, com a proposta de *rede* como partido político *alternativo* aos tradicionais partidos. Em ambos os casos, conectam-se protagonismo, desenvolvimento sustentável e participação política.

A década de 1960 foi marcada por contestações que pretendiam abalar todas as estruturas da sociedade. Muito além de querer reformar o Estado por dentro, pessoas, de idade e espíritos jovens, queriam destruí-lo e inventar outros fundamentos para sua

sociabilidade. A ecologia foi uma das resistências às práticas capitalistas e, por consequência, ao próprio Estado de direito. O artista plástico Joseph Beuys teve participação ativa durante os acontecimentos de 1968. Fazia parte do grupo artístico Fluxus, que misturava diferentes linguagens das artes (como visuais, literatura e música), afirmando suas posições políticas a partir da espontaneidade dos *happenings* e das experiências performáticas.

Joseph Beuys importava-se com a localização de certo caos na política institucional e com o próprio Estado. Sugeria uma maneira *alternativa* de se fazer política diante da insatisfação em relação aos partidos políticos de esquerda. Essa nova maneira, descrita no texto “Conclamação à Alternativa”, publicado em dezembro de 1978, ainda não se conectava

com nenhum partido político: a nova sociedade se concretizaria a partir de uma revolução dos conceitos e o Estado estaria reduzido “à função de decidir os direitos e deveres democráticos válidos para todos” (BEUYS, 2010: 54).

Já na década de 1970, o que havia de extraordinário nas *experiências de pico* de 1968 passou a constituir propriamente um modelo alternativo, que culminou na formação de um partido político. Beuys, nesse momento, afirmava que era preciso uma iniciativa eleitoral conjunta das correntes do movimento alternativo, mas que não significaria “a existência de organizações partidárias, programas partidários, debates partidários no estilo antigo”. Seria preciso articular certa unidade que preservasse as especificidades dos movimentos alternativos: “a unidade que se faz necessária só pode ter uma unidade na multiplicidade” (BEUYS, 2010:55). Em 1979, Beuys, seus colegas da Universidade Livre Internacional e outros grupos alternativos fundaram o Partido Verde alemão.

Foi durante o exílio que Fernando Gabeira tomou contato com isso que se chama vida alternativa. Segundo Gabeira, em países como Suécia e Alemanha era mais fácil tornar-

se um trabalhador alternativo que, apesar de inserido no sistema, não pretende conquistar ascensão social ou enriquecimento. Nesses países, os trabalhadores se acostumaram com um nível de conforto material mais baixo do que o trabalhador convencional, porém, tiveram muito mais tempo para se dedicar a outras atividades fora do trabalho. Desse tempo livre, emergiu uma *consciência ecológica*, que pregava uma mudança na vida individual, passando por uma alimentação mais saudável, o combate ao trânsito de veículos poluidores, além da denúncia de crimes ambientais.

Em 1986, junto com escritores, artistas e outros exilados – entre os quais Alfredo Sirks, Herbert Daniel, Guido Gelli e Lucélia Santos – Fernando Gabeira fundou o Partido Verde no Rio de Janeiro, possibilitado pela convocação da Assembleia Constituinte. Ainda sem partido constituído, o movimento apoiou, nas eleições de 1982, candidatos ligados a causas ecológicas e feministas, como Lúcia Arruda e Listz Vieira, eleitos deputados estaduais pelo PT-RJ¹.

¹ Alguns anos depois, Listz Vieira foi um dos coordenadores do Fórum Global – Conferência Rio-92 da ONU, coordenador do Fórum Internacional de ONGs de 1991 a 1995, Secretário do Meio Ambiente do Estado do Rio de

Segundo Gabeira (2012), a ideia era a formação de um partido com um programa sobre temas novos, norteado pela questão ecológica, inspirado na experiência europeia, sobretudo alemã, de uma *coligação verde-vermelha*. Dessa maneira, o PV brasileiro deveria atuar com aquilo que era considerado a novidade no cenário político brasileiro, o Partido dos Trabalhadores.

O texto fundador do PV, lançado em janeiro de 1986, no Teatro Clara Nunes, no Rio de Janeiro, afirma que o partido pretende lutar por *formas alternativas de vida*, pela autonomia e liberdade e por *uma sociedade cada vez mais descentralizada*. Identifica uma *crise na civilização* que, assim como na “Conclamação à Alternativa” de Beuys, só seria superada a partir da consciência de cada um.

Ao longo dos anos, o PV teve pouca expressão nas eleições, suas forças se concentravam em eleições parlamentares, principalmente na figura de Fernando Gabeira. Nas eleições presidenciais de 2010, o partido lançou Marina Silva como candidata à presidência e alcançou

Janeiro em 2002, e, a convite da então Ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, é, desde 2003, presidente do Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

quase vinte milhões de votos sem aliança com outros partidos. Essa “nova forma de fazer política” teve grande repercussão entre os jovens e inaugurou uma maneira de angariar doações para a campanha através da internet por meio dos *crowdfounding*².

Antes do anúncio da candidatura de Marina Silva, havia um movimento organizado, em torno de sua figura, sem vínculo direto com nenhum partido, que não abria mão do processo eleitoral. O movimento surgiu em 2009 e contou com mais de 46 mil membros, entre eles artistas e celebridades como Arnaldo Antunes, Caetano Veloso, Fernando Meirelles e Lenine³.

² Os *crowdfounding* são financiamentos coletivos que visam preencher espaços não ocupados pelas instituições financeiras. Mas, destaca Ricardo Abramovay (2013), sobretudo, que pretendem vincular à organizações os preceitos éticos como partilha e a luta contra injustiças e desigualdades – ou seja, uma forma de financiamento ético, onde a arrecadação de dinheiro significa, para aqueles que doam, uma posição ética e política – sem abrir mão de princípios liberais, como a competição já que, “o que se recebe passa pela capacidade de persuadir, de interessar um determinado público com relação ao projeto apresentado” (ABRAMOVAY, 2012:168).

³ “O movimento quer ajudar Marina Silva a eleger-se presidente da República do Brasil. O movimento

Durante a campanha presidencial, o Movimento Marina Silva foi responsável pela idealização das *Casas de Marina* e inovações na comunicação. A campanha convoca quem quiser a abrir uma *Casa de Marina* dentro de sua própria casa: “é a residência ou o local de trabalho de quem quer ver Marina Silva Presidente do Brasil”⁴. Não há burocracia envolvida e tudo pode ser agilizado pela internet. As *Casas de Marina* vão além dos comitês eleitorais: “a diferença da Casa de Marina de um comitê é que o comitê recebe e distribui material, a Casa de Marina tem um potencial criativo de bolar as atividades”⁵.

Com a saída de Marina Silva do Partido Verde, após a eleição, o *Movimento Marina Silva* serviu de base para o *Movimento por Uma*

é autônomo e transversal a partidos, grupos e organizações. O movimento é um movimento. O movimento não pretende ser nada mais nem nada menos que um movimento. O movimento está em constante transformação. É como a história, que se faz na medida em que fazemos“. Disponível em www.movmarina.com.br. Acessado em 04/12/11.

⁴ Disponível em www.minhamarina.org.br. Acessado em 01/12/11.

⁵ Disponível em www.movmarina.com.br. Acessado em 04/12/11.

Nova Política. Segundo Eduardo Rombauer, um de seus idealizadores, o movimento busca integrar pessoas de fora dos partidos para fazer política junto do governo, pois “os partidos não dão conta de acolher todos os que querem estar na política”. As “coletividades” seriam uma maneira alternativa de organização política capaz de ativar “uma multidão com potencial enorme”⁶. Já para a cautelosa Marina Silva, tratava-se de um movimento “transpartidário”, que poderia ou não se tornar um partido⁷.

O movimento foi organizado por coletivos, um deles era o *Coletivo Pró-Partido*, que procurava facilitar a circulação de textos e a sistematização de discussões em torno da necessidade de criação de um partido político. O coletivo ganhou força e no dia 16 de fevereiro de 2013, em um evento chamado Encontro Nacional da Rede Pró-Partido, realizado em Brasília, quando o partido Rede

⁶ Trecho do discurso de Eduardo Rombauer, no dia 07 de julho de 2011, no Espaço Crisantempo em São Paulo, disponível em www.novapolitica.org.br. Acessado em 07/12/11.

⁷ Entrevista dada a Revista *Valor Econômico* em janeiro de 2012. Disponível em: <http://novapolitica.com.br/group/propartido/page/marina-defende-o-ativismo-autoral-janeiro-de-2013>. Acessado em 21/02/2012.

Sustentabilidade⁸ foi fundado e Marina Silva foi anunciada como possível candidata pelo partido à Presidência da República em 2014.

O movimento atraiu jovens insatisfeitos com a política partidária, intelectuais, artistas, empresários e políticos profissionais. Todos interessados no desenvolvimento sustentável, e em uma maneira *alternativa* de se fazer política.

Segundo o Manifesto Político⁹ do

⁸ As dez principais bandeiras do partido são: 1) Mudanças no modelo econômico para a construção de um projeto de desenvolvimento socialmente incluyente e ambientalmente sustentável; 2) Reforma do sistema político que permita a emergência de outro modelo de governabilidade que não se baseie na troca de vantagens fisiológicas para a manutenção de feudos de poder; 3) Educação pública e universal de qualidade em todos os níveis, integral inclusiva, formadora de cidadãos comprometidos com uma vida social solidária e sustentável; 4) Democratização do sistema de comunicação; 5) Respeito aos direitos humanos; 6) Redução das desigualdades e erradicação da pobreza; 7) Universalização e melhoria dos serviços de saúde; 8) Defesa dos Direitos animais; 9) Reforma urbana que transforme nossas cidades em espaços saudáveis, democráticos e seguros; 10) Política externa baseada na cultura da paz, na promoção dos direitos humanos. Disponível em: <http://www.brasilemrede.com.br/index.php/home/manifesto.html#.UU97BURAHIM>. Acessado em 24/01/2013.

⁹ Disponível em: <http://www.brasilemrede.com.br/index.php/home/manifesto.html#.UU97BURAHIM>.

novo partido, as redes “são uma invenção do presente que fazem a ponte para um futuro melhor”, baseadas “numa operação democrática e igualitária, que procura convergências na diversidade”. Em rede, pretende-se construir um novo modelo de desenvolvimento: “sustentável, inclusivo, igualitário e diverso” para, assim, colocar a política “a serviço do bem comum”. As novas tecnologias beneficiarão a “aglutinação de uma força transformadora, criativa, empreendedora e radicalmente democrática”, fortalecendo a *sociedade civil* e a *cidadania ativa*, “verdadeira fonte de governabilidade e de direcionamento da ação do Estado”.

O alternativo sempre pressupõem um *a priori*, não possibilita a invenção, está relacionado a outra coisa já instituída e possíveis inovações. Desta maneira, o alternativo na política conecta, desconecta, reconecta, produz, mas não inventa. Se as revoltas nas décadas de 1960 inventaram uma perspectiva política estética, expressas nas obras de Beuys, quando se tornaram alternativo foram rapidamente institucionalizadas com a formação do Partido Verde,

[brasilemrede.com.br/index.php/home/manifesto.html#.UU97BURAHIM](http://www.brasilemrede.com.br/index.php/home/manifesto.html#.UU97BURAHIM). Acessado em 24/03/2013.

tanto alemão quanto o brasileiro. Anos depois, o alternativo à política partidária torna-se rapidamente a força motriz da formação de um novo partido.

Bibliografia

ABRAMOVAY, Ricardo (2012). *Muito Além da Economia Verde*. São Paulo: Planeta Sustentável/Editora Abril.

BEUYS, Joseph (2010). “Conclamação à Alternativa”. In: catálogo da exposição *Joseph Beuys A revolução Somos Nós*. Associação Cultural Videobrasil, Serviço Social do Comércio Administração Regional no Estado de São Paulo, direção e curadoria geral de Solange Oliveira Farkas, curador convidado Antonio d’Avossa. São Paulo: Edições SESC-SP.

GABEIRA, Fernando (2012). *Onde Está Tudo Aquilo Agora? Minha Vida na Política*. São Paulo: Companhia das Letras.